

O Mundo em Português N°2

Novembro 1999

Baía dos Tigres

Pedro Rosa Mendes

Ed. Dom Quixote,

Lisboa, 1999

“Em cada milímetro deste chão está o último instante da minha vida”. É assim que começa o primeiro livro de Pedro Rosa Mendes, jornalista do PÚBLICO, intitulado “Baía dos Tigres”, que nos relata a expedição realizada pelo autor, de Luanda a Quelimane (com breve passagem pela República Democrática do Congo), em 1997. A inspiração veio da viagem de Pedro João Baptista e Anastácio Francisco, dois escravos pombeiros que, no início do século XIX (1802-1814), muito antes de Livingstone ou de Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, realizaram por terra e a pé uma das travessias africanas mais injustamente esquecidas por ser uma das mais notáveis.

No entanto, atravessar um país em guerra implica ultrapassar dificuldades várias e permanecer constantemente vigilante, já que a morte está à distância de um descuido. Por outro lado, as dificuldades logísticas de uma “missão” deste tipo e as restrições ao trabalho jornalístico são evidentes.

Através de histórias de vida, de conversas quer com pessoas simples e cidadãos comuns quer com intervenientes directos na guerra, o autor revela-nos de forma magnífica e com a crueldade do real, as verdadeiras dimensões da guerra, particularmente em Angola, isto é, aquelas que se reflectem na vida quotidiana. Kalutotai, Zeca, Justino, Augusto Amaral, Matos, Paulo de Sousa, são nomes de gente cujas vidas foram inevitavelmente determinadas pela situação política e militar do seu país, a qual decidiu muitas vezes a prisão ou a liberdade, a alegria ou a tristeza, a vida ou a morte.

Da narrativa transborda não só o sofrimento de um povo, mas também a esperança de uns e a resignação de outros face a uma situação que poderia ter sido diferente. Os efeitos da guerra estão por toda a parte: nas casas e estradas destruídas, nas marcas físicas de muitos, na mente das pessoas. As minas antipessoal constituem um pesadelo que tirou ou marcou muitas vidas e continuam a ser um problema grave para a população (“Kavaleka é a aldeia com maior concentração de mutilados por metro quadrado do mundo”).

O trabalho escasseia e muitas vezes as Organizações Não Governamentais e organizações internacionais são uma fonte de emprego importante. As “mães sozinhas” e as crianças órfãs ou com traumas resultantes da guerra são algo assustadoramente vulgar.

Todos se lembram ainda da luta pela independência e do período conturbado que se seguiu, mas poucos conseguem compreender os interesses subjacentes à continuação de uma guerra com efeitos tão dramáticos, que se prolongarão durante gerações.